

O DESENHO COMO VIA DE ACESSO AO UNIVERSO INFANTIL

EL DIBUJO COMO FORMA DE ACCEDER AL UNIVERSO INFANTIL

 <https://orcid.org/0009-0000-3507-9239> Josenaide Holanda Bezerra

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil

Recebido em: 01 out. 2025 | **Aceito em:** 27 out. 2025

Correspondência: Josy Holanda (josyholand@gmail.com)

Resumo

Este texto traz um relato de experiência sobre a pesquisa de campo de uma professora da Educação Infantil, realizada durante o curso do mestrado profissional em Artes na Universidade Federal do Ceará - UFC, no programa ProfArtes. O objetivo geral foi compreender quais as contribuições do desenho infantil (Meredieu, 2000; Derdyk, 2020) para o processo (auto)biográfico das crianças da Educação Infantil, buscando identificar como narram suas próprias histórias. Trata-se de uma pesquisa qualitativa (Minayo, 2002), cujo percurso metodológico foi a abordagem (auto)biográfica (Delory Momberger, 2008; Goldberg, 2016; Passeggi, 2014, 2021). Para a elaboração dos desenhos, foi construído um “ateliê de artes” dentro da própria instituição. Os encontros aconteceram no Centro de Educação Infantil (CEI) Professor Martins de Aguiar, localizada na cidade de Fortaleza - CE; pertencente à Rede Municipal de Educação. Para análise foram (a)colhidos registros fotográficos, observações no diário de itinerância (Barbier, 2002), os desenhos e as narrativas orais das crianças. As crianças trouxeram importantes revelações em seus relatos; por exemplo, a influência que o mundo digital tem na vida e na formação delas, um verdadeiro alerta para que educadores e cuidadores, estejam atentos sobre que conteúdos elas estão consumindo. Sintetizando, percebi o quanto esse espaço de escuta é importante para as crianças, pois elas falaram bastante sobre seu cotidiano, suas famílias, histórias, conflitos, desejos e sonhos. Comprovou-se com essa experiência o quanto o desenho pode configurar como uma via de acesso ao universo infantil

Palavras-chave: desenho infantil; autobiografismo; educação infantil; escola pública; narrativas de vida.

Resumen

Este texto presenta un relato de experiencia sobre la investigación de campo realizada por una profesora de Educación Infantil, en el contexto de su maestría profesional en Arte en la Universidad Federal de Ceará (UFC), dentro del programa ProfArtes. El objetivo general fue comprender las contribuciones del dibujo infantil (Meredieu, 2000; Derdyk, 2020) al proceso (auto)biográfico de los niños y niñas de Educación Infantil, buscando identificar cómo narran sus propias historias. Se trata de una investigación cualitativa (Minayo, 2002), cuyo camino metodológico fue el enfoque (auto)biográfico (Delory Momberger, 2008; Goldberg, 2016; Passeggi, 2014, 2021). Para la elaboración de los dibujos, se construyó un "taller de arte" dentro de la propia institución. Los encuentros se llevaron a cabo en el Centro de Educación Infantil (CEI) Professor Martins de Aguiar, ubicado en la ciudad de Fortaleza, Ceará, perteneciente a la Red Municipal de Educación. Para el análisis, se produjeron registros fotográficos, observaciones del diario de itinerancia (Barbier, 2002), los dibujos y las narrativas orales de los niños y niñas. Los niños y niñas aportaron



revelaciones importantes en sus relatos, como, por ejemplo, la influencia que el mundo digital tiene en su vida y formación, esto constituye una verdadera alerta para que educadores y cuidadores estén atentos a los contenidos que están consumiendo. En resumen, me di cuenta de lo importante que es este espacio de escucha para la infancia, ya que los niños y niñas hablaron mucho sobre su vida cotidiana, sus familias, historias, conflictos, deseos y sueños. Con esta experiencia se comprobó cuánto el dibujo puede funcionar como una vía de acceso al universo infantil. Se comprobó con esta experiencia cuánto el dibujo puede configurarse como una vía de acceso al universo infantil.

Palabras-clave: dibujo infantil; autobiografía; educación infantil; escuela pública; narrativas de vida.

Introdução

Ao desenhar, o mundo torna-se presente em nós.
Edith Derdyk

A arte em suas diversas linguagens tem uma relevância incomensurável para a humanidade, pois nos permite a possibilidade de expressarmos sentimentos, ideias e experiências de maneira simbólica, indo além das palavras. Através dela podemos proporcionar formas de aprendizagens mais ricas e prazerosas para as crianças na Educação Infantil, além de desenvolver uma maior sensibilidade diante do mundo (Duarte Jr., 2020).

Partindo desse entendimento, temos no desenho infantil uma potente maneira das crianças transmitirem suas ideias e hipóteses sobre o mundo que as cerca. Segundo (Goldberg, 2019, p 144), “O desenho precede a palavra, na história e no desenvolvimento humano e ele diz, ele conta, ele informa, ele aponta, ele sugere”. Assim, a criança nos conta sobre seu pensamento e sua forma de ver o mundo ao desenhar.

Diante dessa compreensão passei a questionar por que a escola concentra tanto foco e importância no ensino da língua escrita e da matemática em detrimento das linguagens artísticas. Essa minha insatisfação vem desde meus tempos de criança, passando por todo meu percurso estudantil, dos meus tempos de estudante da Educação Infantil à graduação. Somente na pós-graduação, quando decidi fazer um mestrado, foi que pude ter um contato mais aprofundado com as formas de ensinar arte. Nesse intervalo, entre a Educação Básica e a pós-graduação, pude me conectar com as diversas formas artísticas através da minha própria busca pessoal por esses recursos, com o incentivo da minha mãe, quando me estimulava a desenhar livremente em casa. Onde menos encontrei incentivo, foi na escola.

Sou professora da Educação Infantil na rede municipal de educação de Fortaleza, Ceará, há 18 anos. Atualmente, leciono no infantil IV e, por ter como público crianças bem pequenas, o desenho infantil foi meu objeto de pesquisa, pois é uma forma de expressão própria da criança (Meredieu, 2000).

Desde que comecei a atuar como professora, procurei aplicar o conhecimento que reuni através das minhas experiências, em contato com as linguagens artísticas, no meu contexto da sala de referência, para que minhas crianças tivessem a oportunidade de entrar em contato com elas e poder desenvolver sua sensibilidade e apreciação estética.

Com o intuito de me aprimorar e alargar meus horizontes dentro desse universo do ensino da arte, em 2022 iniciei um curso de mestrado profissional em Arte, na Universidade

Federal do Ceará - UFC, no programa ProfArtes, no qual escolhi as Artes Visuais como campo de pesquisa. Minha pesquisa teve como título: “Respeite a minha arte”: desenho e (auto)biografismo com crianças na educação infantil, orientada pela professora doutora Luciane Germano Goldberg. Essa pesquisa teve como objetivo geral investigar como a linguagem do desenho pode contribuir para o processo (auto)biográfico das crianças da Educação Infantil, a fim de identificar como elas contam suas histórias de vida. Como objetivos específicos, procurei: conhecer e compreender como se desenvolve a linguagem do desenho das crianças na Educação Infantil e suas contribuições para a constituição de si; desenvolver estratégias e/ou situações que oportunizem as narrativas de si, das crianças, através do desenho conjugadas com a oralidade; identificar os elementos (auto)biográficos que emergem das linguagens orais e gráficas, a partir do ato de desenhar, e que podem revelar as histórias de vida das crianças.

Percurso metodológico

Para alcançar meus objetivos, utilizei a pesquisa qualitativa (Minayo, 2002). Essa metodologia me permitiu focar no desenho como uma forma de expressão essencial para as crianças, explorando como elas se relacionam com ele, como veem o mundo, se descobrem e criam sua própria realidade, revelando seus desejos, medos e aprendizados.

Baseado nos estudos de autoras como Passeggi (2018; 2021) e Delory-Momberger (2008; 2011), optei pela abordagem (auto)biográfica para conduzir essa pesquisa, pois através dela pude empregar o desenho como um recurso que permite à criança construir e comunicar sua narrativa pessoal e promover o autoconhecimento. Este entendimento é endossado por Goldberg (2016), que declara:

No contexto da Educação, a pesquisa (auto)biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos (Goldberg, 2016, p. 43).

A análise das narrativas infantis, reveladas através de seus desenhos, foi guiada por uma "escuta sensível". Entende-se por escuta sensível um "escutar-ver" (Barbier, 2002), no qual o pesquisador se mantém receptivo e atento ao universo da criança, sem procurar impor julgamentos ou preconceitos. Sobre isso o autor afirma:

A escuta sensível apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginativo e cognitivo do outro para “compreender do interior” as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos (ou a “existencialidade interna”, na minha linguagem) (Barbier, 2002, p. 94).

O *corpus* da minha dissertação, foi composto pelos materiais resultantes de observação participante, registros no diário de itinerância (Barbier, 2002), registros fotográficos e as narrativas orais e gráficas das crianças. No próximo tópico, entrarei em mais detalhes sobre a experiência em campo, durante a realização da pesquisa.

Relato de experiência de uma professora da Educação Infantil realizando uma pesquisa de mestrado

Esta investigação foi realizada no Centro de Educação Infantil (CEI) Professor Martins de Aguiar, pertencente à Rede Municipal de Educação e localizada na Rua Bernardo Porto, 490, no Bairro Ellery na cidade de Fortaleza - CE.

Para dar início às vivências com as crianças, na pesquisa de campo, foi necessário ter a autorização da escola onde trabalho, através de uma declaração assinada pelo seu diretor, e precisei solicitar a mesma autorização junto à Secretaria Municipal de Educação do município de Fortaleza - CE, a qual formalizou seu apoio e consentimento com um Termo de Autorização para Pesquisa Acadêmica. As famílias responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a participação de cada criança, isso depois que lhes foi explicado sobre a pesquisa e os seus objetivos. Com as crianças, fiz uma roda de conversa para dialogar sobre o que ia acontecer, sobre meu trabalho e se gostariam de participar.

Procurei construir junto com as crianças um Ateliê de desenho (Figura 1), onde a cada encontro eu propus um tema gerador, que funcionava como ponto de partida ou um norte a seguir. Porém, não tive a intenção de, com isso, engessar ou impor temas sobre os quais as crianças deveriam compor suas narrativas desenhadas. A ideia central era deixar as crianças livres para se expressarem da maneira delas, e caso não sentissem vontade de desenhar sobre o assunto proposto, poderiam escolher o que contar no espaço do papel. A intenção era estimular a livre expressão, um momento de prazer e criação.

Figura 1 - Ateliê de Arte

Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)

Participaram desse estudo um grupo de seis crianças da minha turma do Infantil IV. Porém, tive que escolher apenas quatro crianças para analisar seus desenhos, pois o volume de produções foi muito grande, tornando-se inviável para ser examinado no curto espaço de tempo que dispunha. Para preservar a identidade de cada menino e de cada menina, decidimos escolher um nome fictício para todos os partícipes. Cada criança escolheu o seu, a maioria se inspirou nos seus personagens de desenhos animados ou jogos preferidos.

Dentre os participantes, destacam-se perfis com paixões e influências marcantes: Amy Rose é a menina que admira muito seu pai, o mar e sua jangada. Daniele mostra-se uma garota que tem na mãe uma figura que a inspira. Cascão vem de uma família que ama futebol, e ele também herdou essa paixão. Sonic demonstra ser um garoto muito inteligente, com um vocabulário rebuscado, e seu divertimento preferido são os jogos, desenhos e vídeos do *YouTube*.

As atividades no nosso Ateliê de desenho se iniciaram em setembro de 2023. Foram um total de oito encontros. Nas quatro semanas iniciais, eles ocorreram duas vezes na semana; todavia, nas seguintes, devido às demandas da escola, não houve tempo nem espaço para seguir o ritmo inicial e tive que fazer apenas uma vez por semana. Importante destacar que

durante todo o curso do meu mestrado, eu tive que conciliar os estudos com o meu trabalho, que é promover vivências e experiências na Educação Infantil 40 horas semanais.

Quanto aos temas geradores, procurei escolher de acordo com questões que remetessem à identidade pessoal das crianças, já que o intuito era investigar sobre suas histórias de vida. Então, as sugestões foram: o livro “Quem sou eu?” (Bunting, 2021), minha família, brincadeiras e brinquedos preferidos, minha escola, autorretrato e, no encerramento, deixei-as totalmente livres para pintarem o que desejassem.

A cada encontro eu fazia anotações no meu diário de itinerância (Barbier, 2002), sobre minhas impressões, falas e observações relevantes que marcavam o momento, e após a sessão de desenho convidava cada participante para gravar um áudio, onde descreviam sobre o que tinham desenhado naquele dia. Tudo com o consentimento das crianças. Houve dias em que algumas não quiseram gravar, e seus desejos foram respeitados.

Todos os encontros foram muito agradáveis e proveitosos, culminando em um grande volume de aprendizados significativos. Tive a oportunidade de (a)colher muitas informações importantes sobre as histórias de vida das crianças envolvidas. Trago uma imagem de um dos encontros (Figura 2) e, no próximo tópico, trarei mais detalhes sobre os resultados obtidos.

Figura 2 – Momento de história, conversa e produção de desenhos no ateliê.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Resultados

Ao escolher uma estrutura teórico-metodológica focada na narrativa (auto)biográfica, pude proporcionar uma maior autonomia aos sujeitos participantes da pesquisa, bem como contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e formação de suas identidades. Além disso, ao combinar essa narrativa com o desenho, consegui uma maneira eficaz de mergulhar no mundo da criança e entender mais sobre suas histórias de vida e seus contextos.

Um dos grandes desafios durante o desenvolvimento da pesquisa de campo foi que a escola não dispunha de uma sala onde eu pudesse montar o Ateliê. Por esse motivo, tive que improvisar um local, sendo necessário montar e desmontar a estrutura a cada encontro. Realizei essa façanha quase sempre sozinha, pois foi possível apenas pequenas ajudas das colegas de trabalho, já que todas estavam desempenhando suas funções diárias. Também não pude contar com ajuda financeira para comprar material de desenho. Tudo foi custeado por minha própria conta.

Superado os desafios, constatei o quanto as linguagens artísticas são importantes para o desenvolvimento e aprendizagem infantil, em especial o desenho, pois nessa faixa etária as crianças ainda não se apropriaram da língua escrita, e através do desenho elas podem expressar suas visões de mundo, contribuindo assim para construção de suas identidades.

Gostaria de estender a prática do Ateliê para toda a turma, mas, infelizmente, não foi possível adotá-la, devido ao grande número de crianças por turma, tornando inviável oferecer a atenção necessária para escutar as narrativas de cada uma. Mesmo assim, procurei estimular as crianças a desenharem com frequência.

Os participantes da pesquisa se mostraram muito entusiasmados e participativos em todos os encontros. Observei que se sentiram valorizados com a minha atenção e escuta sensível, e por terem a oportunidade de falar de si através dos seus desenhos. Em suas narrativas orais e gráficas, trouxeram relatos de suas convivências em família, na escola com seus pares e professoras, gostos e preferências e até suas fantasias infantis, mostrando com isso o enorme valor da abordagem (auto)biográfica, pois o ato de se narrar contribui para dar significado e sentido à sua existência. As crianças têm no desenho um meio, uma forma de comunicar suas ideias e se posicionar diante do mundo e de mostrar suas percepções e a forma como elaboram suas experiências de vida.

A conexão afetiva entre as crianças foi um fator bastante relevante: dois dos integrantes se afirmavam melhores amigos, e muitas vezes o desenho de um influenciava o do outro. Esse era o caso da Amy Rose e Sonic. Em alguns encontros em que Sonic faltava, Amy

Rose desenhava o personagem favorito do Sonic como uma forma de materializar, através do desenho, a presença do amigo (Figura 3).

Figura 3 - Desenho de Amy Rose (Azul Babão). Um dos personagens preferidos do Sonic.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

As crianças revelaram, através da repetição de alguns desenhos e falas, o que estão consumindo de jogos e conteúdos digitais, e isso me causou um certo impacto. Depois de uma pesquisa, pude constatar que a maioria desses jogos eletrônicos trazem conteúdos de violência e terror, que são totalmente inadequados para a idade. Porém, foi reconfortante constatar que, em meio a isso, ainda há desenhos que oferecem material educativo, além de valores e ensinamentos construtivos e relevantes para o desenvolvimento delas.

Considerações finais.

Finalizo esse relato de pesquisa retomando meus objetivos iniciais que buscava investigar como a linguagem do desenho pode contribuir para o processo (auto)biográfico das crianças da Educação Infantil, a fim de identificar como elas contam suas histórias de vida, como se desenvolve a linguagem do desenho; também pretendia desenvolver estratégias e/ou situações que oportunizassem as narrativas e, por fim, tentei identificar os elementos (auto)biográficos que emergiram das linguagens orais e gráficas durante as vivências no Ateliê.

Através de suas narrativas orais e gráficas, as crianças revelaram aspectos muito significativos de suas histórias de vida, e os contextos sociais nos quais estão inseridas. Essas informações são importantes para que a escola conheça a realidade das crianças para, com isso, proporcionar vivências educativas que estejam conectadas com a cultura e contexto social local.

A abordagem (auto)biográfica, conjugada com o desenho, mostrou-se como meio fundamental e potente de acesso ao universo infantil. Dessa forma as crianças puderam assumir o papel de protagonistas de suas próprias histórias, desenvolver a autorreflexão que as ajudará na construção e constituição de si.

Outro ponto bastante significativo, que me despertou forte preocupação foi a urgência de nos apropriarmos, escola e famílias, dos conteúdos digitais, dos jogos e desenhos, bem como conteúdos de redes sociais ou canais como o *YouTube* que as crianças e adolescentes estão consumindo. Em sua maioria, trazem temas de violência, terror, desinformação, e conteúdos inadequados para esse público que ainda não desenvolveu sua capacidade crítica de escolha sobre o que assistir ou jogar, pois ainda estão em processo de desenvolvimento.

E, por fim, quero destacar que me tornar pesquisadora, ao mesmo tempo em que exercia minha função de professora da Educação Infantil, não foi fácil. Enfrentei muitos desafios, tanto financeiros como de ajuda prática na hora de organizar e encontrar um local para aplicar a pesquisa de campo. A estrutura da escola em que trabalho não favoreceu muito, pois é um ambiente muito barulhento e sem espaço adequado para um ateliê de artes. Porém, apesar de todos os obstáculos, consegui atingir meus objetivos.

Para concluir, quero dizer que foi muito engrandecedor toda a trajetória do meu curso de mestrado e espero que esta pesquisa possa fortalecer e incentivar o ensino das linguagens artísticas, e em especial a prática do desenho, não só na Educação Infantil, como em todo o Ensino Fundamental. Espero que a escola possa se tornar um espaço onde as crianças e adolescentes possam desenvolver a sensibilidade diante do mundo.

Referências

BARBIER, René. *A pesquisa-Ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília, DF: Plano editora, 2002. (Série pesquisa em educação, v. 3).

BUNTING, P. *Quem sou eu?*. São Paulo: Brinque-Book, 2021.

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte. v. 27, n.01, p. 333-346, abr. 2011.

DERDYK, E. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Panda educação, 2020.

DUARTE JÚNIOR, J. F. *Por que arte-educação?* Papirus Editora, 2012.

GOLDBERG, L. G. *Autobiografismo: desenho infantil e biografização com crianças em situação de acolhimento institucional*. Tese - (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em educação, Fortaleza, 2016.

GOLDBERG, L. G. Da potência narrativa do desenho infantil para a pesquisa (auto)biográfica com crianças. *Revista @mbienteeducação*, [S. l.], v. 12, p. 141-163, 2019.

MEREDIEU, F. de. *O desenho infantil*. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

MINAYO, M. C. de S. (org); DESLANDES, S. F.; NETO CRUZ, O.; GOMES, R. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PASSEGGI, M. da C. Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. In: PASSEGGI, M. C.; LANI-BAYLE, M.; FURLANETTO, E. C.; ROCHA, S. M. (org.). *Pesquisa (auto) biográfica em educação: infâncias e adolescências em espaços escolares e não escolares*. Natal, RN: EDUFRN, 2018.

PASSEGGI, M. C. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. *Revista Práxis Educacional*, [S. l.], v. 17, n. 44, p. 93-113, 2021.